

Resenha

As teses radicais de Luhmann

Luhmann's radical theses

MOELLER, H.-G. 2012. *The Radical Luhmann*. New York, Columbia University Press, 168 p.

Germano André Doederlein Schwartz¹

Unilasalle e Faculdade da Serra Gaúcha, Brasil

germano.schwartz@globo.com

No ano de 2012, o professor Hans-George Moeller lançou, pela Columbia University Press, uma obra com um título bastante sugestivo: *The Radical Luhmann*. A presente resenha se debruça sobre as teses centrais ali esposadas, isto é, no que Luhmann pode ser considerado radical e de que forma Moeller separou – e explicou – ditas radicalidades.

De fato, inclusive no Brasil, Niklas Luhmann é um dos sociólogos mais discutidos tanto neste quanto no século passado. Vários são os livros que se dedicam a explicar – e aplicar – sua teoria dos sistemas sociais de um modo geral ou a partir de um subsistema funcionalmente diferenciado do sistema social. A obra de Hans-George Moeller pode ser classificada dentro daquelas que procuram esmiuçar o pensamento luhmanniano desde um ponto de vista da teoria propriamente dita. De um modo mais específico, está preocupada em desfazer interpretações errôneas a respeito da referida teoria. Declaradamente, seu objetivo central é o de salvar, o de preservar e o de esclarecer o radicalismo de Luhmann. Com isso, seu foco principal está orientado para demonstrar as possibilidades que o radicalismo proporciona, elencando-as e dissecando-as. O abandono das noções de estratificação social para as de uma sociedade funcionalmente diferenciada, com todos os “escândalos” que essa mudança de paradigma propor-

ciona para os estudos sociológicos, é, em suma, o que se encontra no livro de Moeller.

Antes de o leitor adentrar nas questões conceituais da teoria dos sistemas sociais de Luhmann, o autor separa dois capítulos para explicar o porquê do estilo difícil de escrita do sociólogo alemão. O denominado Cavalo de Troia luhmanniano se baseia, também, na forma, segundo as palavras do autor, intrincada e inacessível de seus artigos e de seus livros. Lançado o Cavalo de Troia, os aspectos mais assimilados da teoria dos sistemas sociais autopoieticos são justamente os menos explosivos. Seu modo de escrita esconde seu radicalismo. A dispensa do homem e o abandono do antropocentrismo iluminista são substituídos pela necessidade da construção de uma realidade social como efeito da contingência autopoietica presente no sistema social.

De alguma forma, como defende Moeller, a exemplo de suas grandes inspirações (Kant e Hegel), o fato da superteoria luhmanniana não possuir uma narrativa e de se fazer pouco compreensível criou para ele um ambiente favorável para o desenvolvimento de suas ideias, muito na esteira da academia germânica. Sua escolha por seguir carreira acadêmica em Bielefeld, uma pequena cidade ao norte da Alemanha bastante distante da badalada Frankfurt, demonstra claramente que o importante não era ser popular ou compreendido. Certamente que o uso

¹ Secretário do *Research Committee on Sociology of Law* da *International Sociological Association*. Líder do *Working Group Legal and Social Systems* do RCLS. Membro do *Executive Board* do *World Consortium in Law and Society*. Membro do *Research Collaborative Network on Law and Health* da *Law and Society*. Segundo Vice-Presidente da Associação Brasileira de Pesquisadores em Sociologia do Direito (ABRASD). Pós-Doutor em Direito (University of Reading). Doutor em Direito (Unisinos). Professor do Curso de Direito da Faculdade da Serra Gaúcha. Rua Os Dezoito do Forte, 2366, 95020-472, Caxias do Sul, RS, Brasil. Coordenador do Mestrado em Direito na Sociedade do Unilasalle. Rua Victor Barreto, 2288, 92010-000, Canoas, RS, Brasil.

do famoso sistema de fichas, formando hiperlinks entre obras, não o auxiliou na construção de textos lineares. Tal fato se reforça quando se verifica que, em qualquer artigo ou livro da extensa produção luhmanniana, podem ser encontrados novos conceitos, aplicáveis abstratamente para qualquer situação concreta. Luhmann, definitivamente, não é um autor para *easy readers*.

Moeller possui um texto organizado e que se faz compreender mediante seu estilo de linguagem fluido e elegante. É dessa maneira que o restante do livro resehado se divide em outros sete capítulos. O de número 3, em especial, consiste num exemplo da abordagem direta e didática de Moeller. O *radicalismo anti-humanista*, *antirregional* e o conceito *construtivista de sociedade* de Luhmann são explicados como raras vezes o foram. O homem e a teoria dos sistemas sociais autopoieticos é tema dos mais acalorados debates quando se fala em Luhmann, muito pela visão antropocêntrico-iluminista presente no que o sociólogo alemão denominava de velho pensamento europeu. O *insight* de que o quarto insulto à vaidade humana é proveniente do fato de que não é possível guiar a sociedade, quer por instituições políticas, quer pela racionalidade humana, é brilhante.

Nesse sentido, assim como Copérnico demonstrou que a Terra não era o centro do universo, como Darwin provou que o homem não era a “coroa” da criação e como Freud deixou claro ser o ego insignificante frente ao inconsciente (libido, por exemplo), Luhmann é absolutamente radical no deslocamento do homem como referência da sociedade. O mundo nunca foi exclusivamente humano, e a sociedade não está presa às limitações do homem. Somente a sociedade produz comunicações e é a própria sociedade capaz de guiar a si mesma. A defesa desse paradigma anti-humanista, segundo Moeller (p. 31), pode perturbar a sociedade em um nível contingencial bastante profundo. Tal é o potencial construtivista luhmanniano que, longe do senso comum, e na esteira de Darwin, Freud e Copérnico, está à procura de uma nova observação da sociedade.

O livro, desse ponto em diante, organiza-se a partir de uma temática que pode ser abrangida como um percurso a partir da filosofia em direção à teoria (da teoria). Os capítulos de número 4 a 9 se ocupam de vários pontos ou controversos ou fundacionais na arquitetura intelectual luhmanniana. O de número 4 aborda as influências hegelianas na construção do pensamento de Luhmann. É, de fato, um texto analítico, quase que em contradição com a forma de pensar do sociólogo alemão, em que se estabelecem as similitudes e as diferenças de ambos, deixando antever que o grande sucessor de Hegel é Luhmann. Os dois autores utilizam a

palavra sistema como elementos essenciais de suas teorias, muito embora com sentidos diferentes. Para Hegel, a ciência é ciência somente enquanto sistematizada de modo coerente e a verdade é o único sistema existente, sendo a filosofia o modo de cognição mais elevado; para Luhmann, entretanto, a ciência é autorreflexiva, e o mais elevado tipo de cognição é a cognição da cognição.

Reaparece, portanto, a *radicalidade luhmanniana*. Ele *desconstrói o local da filosofia*. Sua teoria consiste numa teoria sobre os sistemas e não apenas, como queria Hegel, a teoria de um único sistema (a filosofia). Luhmann se aproxima de Hegel não no conceito de sistema, e sim, quando refere que sua teoria deve ser conceitual, ser universalmente aplicável, possuir uma adequada compreensão de seus objetos e orientar-se pela autoinclusão. Aliás, é nesse último ponto que Moeller novamente realça o Luhmann radical. A cognição não repousa mais no espírito. Fica separada das ciências sociais. Dessa forma, não há mais uma única ciência – a filosofia –, mas várias ciências. Nenhuma delas possui privilégios em relação a outras. Elas devem ser confrontadas com seus mecanismos de seletividade comunicacional, de clausura operativa e de abertura cognitiva.

Nessa esteira, a teoria dos sistemas sociais de Luhmann constituiu uma teoria da contingência e não mais um sistema de necessidades no sentido hegeliano. É assim que, de acordo com Moeller (p. 49), a ciência necessita fazer ser verdade – por meio de seu código Falso/Verdadeiro – proposições sobre a impossibilidade da verdade nas atuais condições sociais.

No mesmo sentido, o capítulo de número 5 abandona o modo analítico de comparação entre dois autores e se foca no *radicalismo* que Moeller denomina de *menos útil*. Luhmann, em seus termos, resolveu o *problema do dualismo platônico mente/corpo e da centralidade que a mente ocupa no pensamento cartesiano*. Com isso, à dimensão ontológica entre a existência material e existencial acrescenta-se um terceiro elemento: a comunicação. Daí que existem sistemas físicos, vivos e sociais (comunicacionais). Não há hierarquia entre eles e um se constitui no sistema do outro em um processo contínuo de perturbação e de irritação. Logo, abandona-se o caráter hierárquico que em Platão se destina à alma e se oportunizam várias observações. Observações de observações sem um observador privilegiado. Da mesma forma, a questão ética tão importante em Platão resta substituída por uma observação que não postula a superioridade moral ou ética do sujeito sobre o objeto.

Luhmann, portanto, em direção oposta à de grandes pensadores da civilização ocidental que, de um modo ou de outro, ainda se preocupam com o filósofo

grego, deixa de ser um rodapé na teoria platônica e se propõe a analisar um mundo complexo em que as probabilidades são, em verdade, prováveis probabilidades.

O *radicalismo menos radical* da teoria luhmanniana é, para Moeller, o tema da *evolução social*, abordada no capítulo 6. Ela é entendida como complexa coevolução entre as relações provenientes da interação sistema/ambiente. Não há, assim, nenhum centro (poliocentricidade) e o que ocorre são permanentes *feedbacks* entre uma multiplicidade de subsistemas pertencentes ao sistema um do outro. É um pensamento que contradiz as teorias criacionistas, baseadas que estão em um *input a priori*. Um ecossistema coevolucionário e autossuficiente não é desenhado por nenhum ato inicial externo. Também não existe um plano, um ideal, um objetivo a ser atingido. A evolução de um ecossistema não é intencional, inclusive porque, rememorando um dos radicalismos de Luhmann, o ser humano não é capaz de, por si só, desenvolver-se. Ele se desenvolve unicamente na relação entre sistema/ambiente.

Na mesma linha de raciocínio, a teoria da evolução dos sistemas não está conectada ao iluminismo porque resta distanciada da crença da necessidade do progresso como ordem (Comte). E, também, não pode ser classificada como uma teoria adequada para entender a história na medida em que ela ocorra (Marx). Ainda, não se confunde com o evolucionismo de Darwin porque ele acredita que a evolução é a história do progresso e Luhmann a entende como um efeito da diferenciação funcional dos sistemas sociais. Logo, a evolução mostra-se contingente, ao contrário de ser necessária. É por essas razões que a acusação de Habermas de que a teoria luhmanniana é metabiológica deve ser substituída pela compreensão de que ela é, segundo Moeller, metaevolucionária e jamais metacriacionista.

Sob outro ângulo, o *radicalismo menos criticado* é o relacionado à concepção luhmanniana de *construtivismo*, abordada no capítulo 8 da obra. Moeller (p. 87) refere que a visão construtivista racional e comunicacional de Luhmann é realista. Tão realista que chega a ser irreal demais para se constituir enquanto realidade. Isso porque a construção da realidade é diferente para cada sistema em vista da diferenciação funcional dos sistemas sociais. A realidade inicia com a produção da diferença e é por isso que Luhmann se apresenta como um teórico da diferenciação e não da identificação. Sua teoria é uma ontologia da diferenciação radical. Uma ontologia de múltiplas realidades. Contingente e autorreprodutora de diversas realidades que se conectam a todo momento, influenciando-se reciprocamente. Logo, o que é real depende exclusivamente da observação da realidade em um determinado sistema.

No que tange à *democracia*, a *questão radical* de Luhmann também não é contra a democracia, mas o fato de que a real democracia pode ser a morte dela mesma. Significa dizer que o mito de participação social nas eleições é necessário para a contínua autorreprodução do sistema político. Nem todas as pessoas realmente participam das eleições. Nem todas votam de acordo com sua vontade. E, em alguns países, como os EUA e o Brasil, candidatos com menos votos são eleitos em detrimento daqueles que receberam mais votos.

De mais a mais, faticamente, as eleições não decidem o futuro da sociedade. Mas é preciso pensar que isso ocorra. A normalidade das eleições mantém o sistema político de modo periódico, estabilizando-o. Agora, se de fato as promessas da eleição se realizassem, não seriam necessárias outras no futuro. Essa posição, todavia, está longe de ser conservadora. Luhmann é, segundo Moeller (p. 102), um advogado da diferenciação funcional dos elementos do sistema político (Estado, audiência e eleitorado). A democracia se torna a mais importante condição para a continuação da existência de sistemas políticos que adquiriram uma certa evolução.

Nas páginas finais do livro, Moeller refere ser contra a simplificação e as metáforas utilizadas para explicar o pensamento do sociólogo alemão, por entender que elas não refletem aquilo a que ela se propõe. Assim, o *radicalismo luhmanniano* leva a um lugar que se encontra *fora da zona de conforto*, mas que também não se arvora à esperança e nem ao medo.

Dessa maneira, o fio condutor de exposição de Luhmann repousa no que ele defende como o fim da filosofia enquanto ciência como resposta para os problemas da sociedade e o início do uso da teoria de Luhmann para a compreensão do sistema social (comunicação). Essa é a *modéstia* da teoria. Ela constata que ninguém e nenhuma observação possui o conhecimento como exclusividade de sua operatividade interna. A teoria, portanto, não modifica o mundo de uma forma direta. Ela somente pode afetar a sociedade e de uma maneira imprevisível. Daí, também, a *ironia* da teoria, já que a produção de sentido é feita com base em distinções internas de cada subsistema social. O Direito, por exemplo, dá sentido às comunicações jurídicas a partir de seu próprio código, sendo o mesmo válido para os demais subsistemas. Com isso, a construção científica do conhecimento consiste numa construção contingencial de comunicações ainda sem sentido. Logo, colocar tudo isso dentro de uma visão científica é, em última escala, sem sentido.

A ironia, assim, constitui-se em um aspecto autológico da teoria. Disso tudo resulta que uma última gran-

de característica da teoria é a *tranquilidade*, visto que o radicalismo de Luhmann, em suma, conduz-nos a um ponto em que o intelectual que a adota não possui radicalismo em suas posições, muito embora seja o radicalismo espousado que o apresenta, segundo as palavras de Moeller, a um tapete de ioga para a análise da sociedade.

Ao final, gize-se que o mérito do livro está em buscar uma melhor compreensão da teoria do sociólogo

alemão de forma a demonstrar que as teses radicais de Luhmann, antes de se constituírem em um retrocesso, representam uma evolução ao pensamento da Velha Europa e um avanço em relação às teses iluministas sobre a observação da sociedade. E o autor se desincumbe desse encargo com uma *finesse* em sua escrita admirável, além de sistematizar um pensamento não linear (Luhmann) em uma demonstração de grande erudição intelectual.